



## **Perspectivas Teóricas para Compreender o Jornalismo Infantil<sup>1</sup>**

Greyce Ellen Vargas Nunes<sup>2</sup>

Jiani Adriana Bonin<sup>3</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, RS

### **Resumo**

Este texto traz elaborações realizadas no sentido de construir uma compreensão do jornalismo infantil que leve em conta seu papel nos processos de aprendizagem das crianças. A construção se realiza através de um diálogo com teorias acerca da notícia, das práticas jornalísticas e dos vínculos produção/recepção, cotejadas com dados advindos de observações de produtos jornalísticos próprios para crianças e particularmente, de análise da revista *Recreio*.

### **Palavras-chave**

jornalismo; jornalismo infantil; revista *Recreio*.

### **Introdução**

A relação que se estabelece entre a criança e a mídia não é recente, mas sempre foi algo complexo exatamente por estarmos investigando um ser que está sendo formado, cujo processo de formação é atravessado por diversas mediações. E um desses processos é o jornalismo. Considerando esta relação, propus desenvolver uma pesquisa sobre as apropriações e aprendizagens realizadas pelas crianças a partir do gênero jornalístico próprio para este público: o jornalismo infantil. Desta forma, o núcleo do problema da investigação está relacionado à forma como o jornalismo infantil – presente nas mídias infantis – participa da educação das crianças. A partir deste problema, na pesquisa em questão tentei compreender como se dá esse processo de participação do conteúdo jornalístico das mídias infantis na educação das crianças. Pois no momento em que a criança está consumindo produtos jornalísticos pensados apenas para a sua geração, podemos pensar numa influência desse meio sobre o processo de aprendizagem - que antes era um espaço dominado por instituições como a família, a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Graduada no Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, email: greycevargas@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora da pesquisa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, email: jianiab@unisinos.br



escola, além de outras mediações - com o objetivo de descobrir sua participação e seu papel na educação das crianças.

Para desenvolver a referida pesquisa, busquei fundamentar o que vem a ser o jornalismo para crianças partindo das idéias e teorias acerca do jornalismo e das perspectivas e desejos desse público. Ao realizar uma busca bibliográfica para compreender o que vem a ser o jornalismo infantil, percebi que ele carece de aprofundamento conceitual; encontrei trabalhos acerca de sua produção, mas pouco acerca da sua fundamentação, da sua história e da sua influência. Na prática, o jornalismo infantil também é menosprezado desde muito cedo, ou seja, já dentro de universidades, que pouco exploram esta vertente.

O jornalismo começa a ser compreendido aqui a partir da temática desta pesquisa, ou seja, compreendo a educação como uma das suas funções principais. A prática do jornalismo nasce da necessidade do capitalismo de registrar os fatos do cotidiano e seus objetivos estão enraizados em conceitos óbvios e praticamente inalcançáveis: objetividade e imparcialidade. Uso o termo inalcançável após uma reflexão acerca do texto de Sousa (2001), que argumenta que apenas o objeto do qual vamos narrar é objetivo; a narração que parte do jornalista, um *sujeito do conhecimento*, está associada à subjetividade. Portanto, seu discurso não é de alguém que mostra a realidade, mas sim de alguém que reconstrói discursivamente a realidade e isso atinge todas as áreas do conhecimento humano. Isso acontece porque, como observa o autor, o jornalista não tem acesso à realidade em si, assim como qualquer pessoa. Ele só tem acesso às manifestações da realidade. Assim, ao narrar um fato, o jornalista reconstrói a realidade e, desta forma, a notícia adquire também componentes subjetivos.

Volto àqueles que diziam que o jornalismo é a arte de contar histórias e, desta forma, penso que ele seja a arte de ensinar também através de histórias vividas pelos próprios receptores. Com as sociedades cada vez mais midiáticas, o jornalismo foi assumindo um papel central na vida das pessoas e tanto a prática quanto a teoria foram desenhando a posição do jornalismo nas sociedades. Como observa Traquina (2001), foi a teoria democrática quem definiu que o papel do jornalista é social, ou seja, a partir das obviedades resultantes da discussão acerca da objetividade e da imparcialidade, conceitos que a maioria dos cidadãos associa ao papel do jornalismo e que são consagrados nas leis que estabelecem as balizas do comportamento dos órgãos de



comunicação social. Karam<sup>4</sup> já dizia que “um jornalista lúcido, crítico e competente, que ostenta o título longe de uma possível vergonha, certamente estará a favor do conhecimento, da liberdade e da justiça”.

Assim como Traquina (2001), concebo a notícia como o resultado da interação que se dá entre os jornalistas e a sociedade, pois os jornalistas não são observadores passivos, mas participantes ativos na construção da realidade. Essa é a chave da responsabilidade social do jornalista: compreender o papel que temos ao construir a notícia e reconstruir a realidade ali apresentada. Assim, na medida em que a globalização avança e o processo de midiaticização vai ficando cada vez mais intenso, o jornalismo é tido como poderoso, pensando o poder como um ato resultante do “trabalho de transformar acontecimentos em notícias” (Sousa, 2001, p.12). Compreender esse papel e a importância do crescimento da influência do jornalismo é fundamental para que se possa pensar, teoricamente, no jornalismo infantil.

Podemos perceber que essa ciência da comunicação nasceu já baseada em práticas pedagógicas, pois é parte de uma parcela do *conhecimento humano*. Isso não deixa de ser também uma utopia. Sabemos que a midiaticização tornou a informação praticamente universal e que esta informação, de certa forma, ensina alguma coisa, embora não esteja associada à aprendizagem. Conseqüência do interesse capitalista, o jornalismo apresentava, já no século XVII, distração, diversão e meios de suprir a curiosidade do leitor.

O surgimento do jornalismo pode ter sido, inclusive, “em função das necessidades produzidas pela sociedade na sua dimensão global” (Genro Filho, 1987, 174), mesmo que possa servir aos interesses do capital. Este autor observa que as principais funções do jornalismo são: informar, interpretar, guiar e divertir. Informar é dar conhecimento de algo a alguém, interpretar é explicar e traduzir uma informação, guiar significa orientar e, por fim, divertir é sinônimo de distrair e entreter. Logo, uma das funções do jornalismo é, também, ensinar, participar de um processo moldado, mas inseparável de qualquer processo: a educação.

Dentro dessa função, portanto, o método para ensinar nada mais é do que a construção da notícia. Estávamos próximos da metade do século XX quando Robert Park afirmou que a notícia é uma forma de conhecimento que, ao relacionar ao

---

<sup>4</sup> Este texto chama-se **A formação de jornalistas, o currículo das escolas e os erros de jovens e antigos jornalistas** foi obtido na disciplina de Ética, Legislação e Crítica da Mídia em 2008/1. Disponível em <<http://www.portal3.com.br/blog/leituras/aformacaodejornalistas.htm>> (Acesso em 25-07-2008)



jornalismo, pode ser subdividido em “conhecimento de” e “conhecimento acerca de” (PARK, 1972). As duas formas de conhecimento têm funções diferentes, mas são inerentes ao jornalismo. Para Park, por “falar” do presente é que a notícia toma essa função no processo de educação. Assim, a função da notícia é orientar a sociedade no mundo real e atual. Mas, obviamente, o jornalismo não utiliza os mesmos meios que os espaços formais de educação usam.

A notícia e a informação jornalística são, na perspectiva que assumo para pensar o jornalismo infantil, um método para ensinar através do jornalismo porque representam uma expressão material do fazer jornalístico. Park diz que a notícia não apenas informa o receptor, mas, principalmente, o orienta. É próprio do jornalismo, portanto, a função de educar. Ele não seria jornalismo se não proporcionasse meios para educar, interpretar, guiar e, algumas vezes, divertir. E é a partir da presença de todas essas funções que me parece que o jornalismo infantil está fundamentado. Compreender isto me parece importante quando viemos de uma fase em que as pesquisas em comunicação colocam a relação entre o jornalismo e a sociedade no centro das discussões, mas dentro do jornalismo infantil as teorias não foram organizadas e o público infantil vem sendo pensado principalmente pela visão mercadológica.

### **Jornalismo infantil**

Diversos trabalhos tratam de analisar produtos infantis, grande parte partindo do jornalismo impresso. Ainda assim, faltam conceitos mais elaborados acerca do que vem a ser jornalismo infantil. Para conceber um conceito de jornalismo infantil, parti do conceito de mediação para poder observar as manifestações da mídia ao trabalhar com produtos específicos para crianças e, então, compreender a relação do fenômeno da mediação com a educação. Aproximei-me um pouco mais deste conceito quando retomei alguns conceitos de jornalismo e suas funções. Assim, baseada nas entrevistas da pesquisa exploratória, onde pude ouvir um número maior de crianças dentro de um espaço tradicional de aquisição de conhecimento e em alguns trabalhos acerca da análise de algumas mídias infantis é que foi possível trabalhar uma perspectiva teórica para pensar o jornalismo infantil.

Existem inúmeras mídias que trabalham com o público infantil e algumas utilizam o jornalismo. Conforme afirma Block (2001), essas mídias “prometem informação e/ou formas saborosas de entretenimento”. Ou seja, podemos dizer que o



jornalismo infantil une informação e entretenimento como estratégia para levar sua mensagem à criança.

É difícil explorar todas as mídias onde o jornalismo infantil se apresenta e produzir uma teoria acerca desta prática específica. No entanto, tratando-se de um público restrito, numa fase peculiar, foi preciso fazer uma avaliação geral do que é apresentando e refletir acerca dos trabalhos desenvolvidos sobre o jornalismo infantil para compreendê-lo como um todo, encontrando, assim, inclusive, funções importantes para ele, independente da mídia em que esteja sendo utilizado. Para Mendes, precisamos, antes, fazer com que o público infantil conheça melhor “o funcionamento da produção, veiculação e recepção das informações dadas pelos jornais” (2002). Esse é, talvez, um dos grandes desafios para os produtores de veículos que utilizam o jornalismo infantil. Ferreira (2006, p. 138) pensa que “os jornais infantis, ao possibilitar a participação e expressão das crianças, contribuem para o desconfinamento, uma vez que permitem que seu público conheça o mundo em sua diversidade”. Não basta, portanto, criar uma linguagem, textual e visual, para falar com a criança, é preciso permitir que ela também se insira no processo de produção desse programa/publicação que utilize o jornalismo infantil. Há uma necessidade informacional por parte das crianças, isso pôde ser verificado durante a pesquisa exploratória<sup>5</sup>, uma vez que as crianças citaram assuntos que apreenderam com essas mídias. Durante a pesquisa exploratória realizada durante a construção do projeto desta pesquisa foi perguntado às crianças o que elas gostariam que fosse noticiado nos jornais infantis. Ao apontar os assuntos, os entrevistados mostraram-se contentes e satisfeitos por poderem opinar sobre aquilo que lhes interessa ter informações. Dentre os assuntos mais citados estão, em primeiro lugar, questões ligadas ao entretenimento. Ferreira diz que

ao fornecer entretenimento, os jornais infantis não deixam de agradar ao público, principalmente com a presença de crianças. As brincadeiras, as piadas e os quadrinhos também são elementos que garantem uma leitura prazerosa. Nos suplementos, a participação das crianças nas fotos e textos é importante porque transmite alegria e representa o leitor (2006, p.139).

As crianças apontam ainda saber dos assuntos relevantes e/ou amplamente divulgados pela mídia “dos adultos”. Isso demonstra que há interesse das crianças pelos

---

<sup>5</sup> A pesquisa exploratória foi feita no início desta investigação. Ela foi realizada com 58 crianças entre 10 e 12 anos no Colégio Estadual Marechal Rondon, em Canoas, onde apliquei dois tipos de entrevistas cujos resultados me permitir analisar o perfil das crianças entrevistadas e sua compreensão acerca do jornalismo infantil, além de apresentar como as informações dadas pelas crianças foram me levando a optar pela *Revista Recreio* para construção de uma análise da prática do jornalismo infantil a partir dela.



temas atuais. Assim como Ferreira, penso que isso não pode ser ignorado pelo jornalismo infantil. Além de prazer, divertimento e representatividade, as crianças querem aprender, e descobrir qual é o seu espaço na sociedade para, de fato, ocupá-lo. Isso as torna leitoras do mundo. Ferreira (2007) reflete que um dos problemas do jornalismo infantil está próximo a um problema também do jornalismo tradicional, que é a concentração de informação por parte dos grandes grupos de comunicação, que filtram notícias conforme seus interesses.

Por isso os conteúdos preparados especificamente para esse público necessitam de tratamento especial. A criança interpreta, mas pode não ter subsídios suficientes para compreender que uma notícia não é objetiva e imparcial e que pode estar a favor de crenças e interesses daqueles grupos hegemônicos detentores da publicação. O jornalismo infantil trata de um público diferenciado e precisa ainda que as notícias criadas dentro desse contexto tenham o máximo de isenção possível, pois

escrever para crianças não é uma missão fácil. Não é satisfatório simplificar a linguagem, o discurso, apelar para diminutivos, abordar os assuntos de forma superficial. Redigir para elas em suplementos infantis publicados periodicamente é uma tarefa complexa, difícil de enfrentar sem cometer equívocos conceituais, de forma ou de linguagem (ANDI, 2002).

Pensar nela não como um cidadão, mas como uma mercadoria é um erro, pois não dá a criança o direito de acesso à informações e liberdade de expressão. Assim, para escrever para uma criança é preciso ter consciência de que se está formando um cidadão e que, mesmo que tenha pouca idade, ela tem o direito de receber a informação do jornal mais qualificada. “A questão não é abordar os assuntos do chamado mundo adulto de um jeito infantil” (Alves, 1993), mas o veículo que quer falar com a criança precisa deixar bem claro sobre o que quer tratar e com quem quer falar. Ele pode tratar sim de temáticas mais profundas, mais do mundo adulto, mas de uma forma lúdica, trazendo-as para dentro do universo da criança para que esta possa compreender e ampliar sua visão sobre aquele assunto; mas se o veículo se propõe a unir informação e entretenimento, tratando especificamente de assuntos do “mundo das crianças”, precisa assumir que a criança não é uma mercadoria.

Torquato (2004) pensa que o jornalismo infantil oferecido no Brasil atualmente não tem jornalistas com conhecimentos especializados que consigam compreender o mundo infantil e trazer informações de qualidade para este público. Conforme Girardello, produzir material cultural e jornalístico para o mundo infantil requer alguns



conhecimentos, por isso ela defende uma formação diferenciada para estes produtores. Para compreender a produção do jornalismo infantil, penso que o adulto (no caso o jornalista) que o produz precisa se envolver com o tema e pensar nele a partir da sua própria experiência enquanto homem que um dia foi criança. Assim, o produtor de jornalismo infantil tem uma missão pela frente: contribuir para que a criança saiba o que é um cidadão responsável e encontre o seu papel enquanto membro de uma comunidade, além de mostrar o “mundo” para as crianças, agregando informações a partir daquilo que ela já aprende em outros espaços de educação. E isto de uma forma lúdica, para que este público seja ainda criança enquanto receptor desse tipo de jornalismo. Com isso, a criança pode entrar no mundo dos adultos sem sair do dela e, com isso, seu universo é ampliado.

Como argumentam Pita e Mota (2002), a proposta do jornalismo infantil é formar um leitor crítico e participativo, considerando que está lidando com um público inteligente e questionador, capaz de assimilar as informações tanto quanto um adulto. Por isso, “falar sobre a realidade é importante, pois localiza o público infantil no tempo e o aproxima do mundo dos adultos” (Pita e Mota, 2002). No entanto, a criança não lê uma publicação jornalística para se informar, mas para se entreter, portanto, ela necessita que o jornalismo infantil traga informações instigantes que atraiam sua atenção. É possível dizer, então, que uma das regras do jornalismo infantil é a informação de qualidade, com linguagem adequada, pensando nele como instrumento de educação, fonte de entretenimento e aberto à participação dos leitores.

Assim sendo, o jornalismo infantil deve considerar a interatividade como um espaço para que a criança possa se manifestar, já que são singulares no seu modo de pensar e sentir, diferente dos adultos. Garzel (2004) salienta que o problema é que esse jornalismo infantil de hoje ainda é feito por adultos para crianças, sem a participação delas no processo de produção. Isso abre uma lacuna em relação àquilo que o jornalista acredita que a criança quer saber e àquilo que a criança realmente quer saber. Assim, é preciso superar a formatação baseada em passatempos em que alguns periódicos infantis teimam em se fixar e atentar para a importância do jornalismo infantil como um instrumento pedagógico que pode contribuir muito para a percepção e desenvolvimento da noção de cidadania desde criança (Ferreira, 2006).

### **Os contratos de leitura no jornalismo infantil**



Falo aqui de uma geração que nasceu já numa sociedade midiaticizada. Por isso, é preciso compreender que há outros fenômenos inseridos neste contexto. Ao transformar notícias do “jornalismo adulto” e enquadrá-las dentro do jornalismo infantil, podemos dizer que o profissional que escreve para crianças sabe, de certo modo, o que esse público quer saber. Captando essa intenção da criança, o jornalismo infantil tenta oferecer aquilo que ela busca. Assim, forma-se um contrato de leitura entre emissor e receptor. Tratando-se de crianças podemos dizer que esses contratos formados têm dimensões diversas e são constantemente reconfigurados para que possam se adaptar a este público. Essa é mais uma estratégia dos processos de midiaticização que afeta nossas práticas sociais, a formação da identidade e o funcionamento das mídias, além de repercutirem, como informa Fausto Neto (2007), na produção de sentido do jornalismo. Os contratos de leitura, neste caso, podem ser encarados com uma forma de contato mais direto entre o que o jornalismo infantil quer dizer e a criança. Eles fazem parte de um conjunto de elementos que transitam autonomamente pelas mídias, pelos receptores, pelos emissores etc., ou seja, são elementos midiaticizados e, portanto, afetam a prática do jornalismo infantil e a construção do mundo por ele produzido, afetam também o papel do jornalismo e a sua relação com o receptor.

No jornalismo infantil, os contratos de leitura podem ser percebidos pela forma explícita com que os vínculos vão se formando, para que os seres em formação possam se identificar com essa prática jornalística e, como diz Fausto Neto (2007, p. 03) “estabelecer processos de reconhecimento da sua presença” dentro desta mídia. Midiaticizadas e inseridas dentro deste contexto onde a autonomia é defendida as crianças, como disse antes, querem participar do processo de produção do jornalismo infantil. Ao estabelecer um contrato de leitura com a criança, o veículo a coloca dentro de um espaço que oferece uma espécie de interação, ou seja, permite que a criança possa, de alguma forma, participar do processo de produção desta mídia. Creio que é possível identificar algumas estratégias das mídias infantis para estabelecer esse contrato com as crianças. Falando especificamente em jornalismo infantil, é preciso que se atente que há um avanço no que diz respeito à participação da criança nos processos de produção das mensagens. No entanto, isso é feito ainda muito à distância, como se as mídias fizessem o contrato e concordassem com essa interação nos processos de produção, mas não tivessem de acordo com a reciprocidade da divisão da manutenção desse contrato e, portanto, continuassem tendo controle sobre ele. O jornalismo infantil está criando esses contratos, mas ainda está aquém dos parâmetros dos contratos





estabelecidos pelo “jornalismo adulto” com o seu público, que já permite que esse não apenas participe dos processos de produção, como possa produzir notícia também. No caso do jornalismo infantil, creio que essa relação mais íntima entre criança e jornalista pudesse criar não apenas um vínculo entre eles, mas também uma espécie de maior compreensão de uma idade pela qual já passamos, mas que, com as evoluções que o tempo nos traz, nunca serão iguais. Escrever para crianças hoje já não é mais apenas uma experiência de transposição, ou seja, eu jornalista penso na minha infância e escrevo para as crianças de hoje. É preciso uma compreensão multidisciplinar para que tanto o jornalismo infantil quanto os contratos que ele pense em estabelecer se desenvolvam para a criança contemporânea.

### **O Jornalismo Infantil na Revista *Recreio***

Durante a pesquisa exploratória<sup>6</sup>, uma mídia que se destacou como um produto jornalístico para crianças foi a *Revista Recreio*. Desta forma, foi interessante analisar como os conceitos apresentados até aqui estão presentes no que a publicações propõe. A criança que lê a revista *Recreio* a adquire com o propósito de aprender mais sobre aqueles temas que têm preferência, mas, principalmente, porque quer se divertir. Assim, a *Recreio* se apresenta como um novo produto da Indústria Cultural, trazendo temáticas que já fazem parte do conjunto de competências das crianças, mas agregando diversão e desafio a essa informação. Há informação em *Recreio*, com certeza. E esse é a razão principal da veiculação da revista, uma vez que na capa há manchetes para os temas onde a informação é prioritária, há chamadas para os testes, há destaque para reportagens e há uma imagem que traz informações sobre o tema principal daquela edição. Podemos considerar, então, que a *Recreio* segue a lógica pensada por Block (2001): informação com “formas saborosas de entretenimento”.

Mantendo-se fiel a essa característica, a criança encontra na *Recreio* um espaço só seu, onde há informação pensada, organizada, projetada e planejada para ela. Assim, o jornalismo produzido pela *Recreio* está dentro do que entendi como jornalismo infantil. Suas informações aliadas aos testes e passatempos, ao entretenimento oferecido, garantem uma leitura prazerosa.

---

<sup>6</sup> Durante as entrevistas na pesquisa exploratória, procurei compreender quais produtos jornalísticos próprios para crianças a partir de suas respostas. Um dos produtos mais destacados foi a revista *Recreio*.



Ao contar com especialistas de diversas áreas do conhecimento, podemos considerar que a revista tem uma preocupação com o tipo de espaço de aprendizado que fornece às crianças, ou seja, com a qualidade da informação que transmitirá. Isso garante, de certa forma, segurança aos pais das crianças que estão consumindo este produto jornalístico, pois, mesmo que a *Recreio* não esteja livre de interesses do grupo<sup>7</sup> que a produz, ela parte do conhecimento adquirido por pesquisadores importantes para o campo científico brasileiro.

Podemos analisar as funções do jornalismo infantil presentes na *Recreio* também a partir das principais editorias fundamentalmente jornalísticas, ou seja, *curiosidades*, *fique ligado*, *cinema*, *na TV* e *bichos*. A primeira delas, por exemplo, requer a participação das crianças com questionamentos acerca dos mais diferentes temas. Podemos considerar que espaço está fornecendo formas de interação com a criança, permitindo que ela tenha voz (mesmo que seja através da voz de outra criança), está sanando uma questão informacional (característica do jornalismo). Em *Na TV* e *Cinema*, vemos a abordagem de temas que, geralmente, também são tratados por outras mídias, o Essas editorias são completadas pela editoria *Testes*, cujos temas partem das reportagens principais e tratam de questionar as crianças sobre seu comportamento, personalidade ou hábito, mas também sobre o seu conhecimento acerca do assunto tratado nas matérias jornalísticas. O jornalismo próprio para crianças, nesse sentido, propõe informações saborosas ao seu público ao unir interesse, informação e diversão. Daí parte também a influência no processo de aprendizado dessas crianças.

Ao pensar o jornalismo infantil produzido pela *Recreio*, precisamos atentar para a linguagem utilizada pelo veículo, pois essa é também uma função importante nesse contexto. O principal destaque que podemos dar à linguagem utilizada pela *Recreio* é a forma como que a revista trata a criança. Como não usa diminutivos, trata questionamentos das crianças a partir de uma linguagem científica, mas simplificada. Como elas demonstram competência sobre os temas tratados, a revista tem obrigação tratar as informações de forma responsável. Assim, quando uma criança questiona algo como *do que é feita a pele humana?*, a revista, além de buscar um especialista no assunto, precisa passar a informação com uma linguagem que compreenda, ao mesmo tempo, que está falando para o público infantil e que essas crianças não são inocentes em relação ao jornalismo, pois têm conhecimento, têm competências midiáticas e

---

<sup>7</sup> A Editora Abril é a responsável pela produção e distribuição da *Recreio*.



desejam satisfazer suas dúvidas de maneira que aprendam se divertindo. Portanto, nesta resposta, a revista usa palavras como *hipoderme*, *células de gordura* e *células mortas*, que fazem parte da cultura de muitas crianças, instituída também através do cenário escolar. Assim, os textos não subestimam as crianças, até porque partem de questionamentos – complexos ou não – feitos por esse mesmo público, mas também são construídos com uma linguagem fácil, tornando a leitura agradável e divertida.

Há, portanto, o cumprimento da função social por parte do jornalismo infantil produzido pela *Recreio*, mas há, principalmente, uma relação direta com o processo de aprendizagem dessa criança<sup>8</sup> que quer saber sobre determinados temas acerca do meio ambiente e dos seres que nele vivem, dos momentos como nos relacionamos, vivemos, nos formamos, e, também, há necessidade de informação sobre os temas considerados principais, mas que também podem ser obtidos em outras mídias. A *Recreio* e o jornalismo produzido por ela se constituem, portanto, de espaços onde a criança identifica como seu, embora seja também legitimado pela família e, algumas vezes, pela escola.

### **Agendando temas, pactuando leituras**

Para compreender a *Recreio* a partir da hipótese do agendamento e como, a partir disso, ela constrói pactos de leituras com seus leitores, precisei antes, analisar que tipos de reportagens são veiculadas pela *Revista*. Nas revistas analisadas, percebemos que as principais editoriais são *Fique Ligado*, *curiosidades*, *passatempo* e *testes*. Os principais temas de interesse das crianças estão nessas editoriais, conforme vi na pesquisa sistemática. Portanto, foi preciso entender que temas a *Recreio* está agendando para possam suprir a necessidade de informação das crianças e esses assuntos estão se inserindo no processo de aprendizagem estabelecido entre o público infantil e revista.

---

<sup>8</sup> Como estratégia metodológica em relação à recepção, o trabalho se dividiu em duas etapas: a pesquisa exploratória e a pesquisa sistemática. Após análise dos dados obtidos na pesquisa exploratória, foi estabelecido que eu trabalharia com quatro crianças na pesquisa sistemática. Também foram realizadas duas entrevistas: a primeira que pretendia aprofundar questões acerca do perfil das crianças, identificar o atravessamento midiático, qualificar as formas de consumo de mídia infantil e de jornalismo infantil e entender a relação da criança com a *Revista Recreio*. No segundo momento da pesquisa sistemática foi realizado uma leitura compartilhada de doze exemplares da *Recreio*. Com essa leitura da revista realizada junto às crianças aprofundamos questões acerca dos usos e apropriações que as crianças fazem da publicação, intensificamos as questões que abordam o processo de aprendizagem oportunizado pela revista e tratamos com mais ênfase da forma como as mediações famílias, escola e amigos participam desse processo de aprendizagem.



Na Tabela 1 é possível verificar quais os temas que foram abordados pela editoria *Fique Ligado* e quais tinham relação com a matéria principal da revista.

TABELA 1: Sobre a editoria *Fique Ligado*.

<i>Temas</i>	<i>Relação com o tema</i>	<i>Edição</i>
Desafio <u>Harry Potter</u>	<u>Harry Potter</u>	375
Fofocas	<u>Ricky Sprocket</u>	399
Recordes	-	405
Carinho	-	408
Férias	-	410
<u>Harry Potter</u>	-	436
Jogos Olímpicos	Olimpiadas de Pequim	439
<u>Amizade à distância</u>	<u>High School Musical</u>	450

Fonte: Pesquisa exploratória do produto

Percebemos que essa editoria não é fixa, mas em pelo menos metade das edições analisadas, tinha relação com o tema de capa, sendo que em apenas um dos casos ela não era a que tratava o tema principal da revista. Nas outras 50% das edições analisadas, os temas giram em torno de curiosidades, sentimentos e dicas. Na Tabela 2, é possível visualizar como aparecem os testes e que relação eles têm com outros temas presentes na revista.

TABELA 20: Sobre a editoria *Testes*.

<i>Temas</i>	<i>Relação com o tema</i>	<i>Edição</i>
Fama	<u>Ricky Sprocket</u>	399
Ambiente de trabalho	A loja mágica de brinquedos	401
Filmes e personagens estrangeiros	-	404
Contos de fadas	Encantada	405
Acontecimentos inesperados	-	408
<u>Super Heróis</u>	-	409
Elementos da natureza	Os seis signos da luz	410
Trabalho em grupo	<u>Team Galaxy</u>	415
Perdido numa ilha	A ilha da imaginação	436
Tradições olímpicas	Olimpiadas de Pequim	439
<u>Futebol</u>	<u>High School Musical</u>	450

Fonte: Pesquisa exploratória do produto.

Em apenas uma das edições da *Recreio* analisadas, a editoria teste não foi publicada. Das onze edições publicadas, apenas três vezes o tema dos testes não tinha relação com outro tema abordado na revista. Nas outras oito vezes em que foi publicada, sua temática partia da reportagem principal da revista. Na Tabela 3 são apresentados os temas veiculados na editoria curiosidades e as edições correspondentes. Podemos perceber que os temas corpo humano, bichos história e natureza têm mais espaço dentro desta editoria. Como esta editoria é produzida a partir das dúvidas que os leitores têm e enviam para a revista, podemos identificar, de certa forma, aqui também a preferência deles por certos temas.



TABELA 3 : Sobre a editoria *Curiosidades*.

Temas	Edição	Edição	Edição	Edição	Edição	Edição	Edição	Edição	Edição
Harry Potter	375								
Tecnologia	375	408							
Universo	375	405	408	415	436				
Recordes	375								
Corpo humano	375	399	401	404	409	410	415	439	450
Bichos	399	404	408	410	415	436	439	450	
Natureza	399	401	404	405	409	436			
Meios de comunicação	401	439							
Esporte	401	410							
Trabalho	404	409							
História	405	408	410	415	439	450			
Brincadeiras	408	409							
Matemática	410								
High School Musical	415								
Mundo	436								
Folclore	436	439							

Fonte: Pesquisa exploratória do produto

Ao analisarmos os temas que predominam nas editorias da *Recreio*, percebemos que há eventos que têm maior publicação dos que outros. Esse fenômeno é o chamado agendamento. Isso fica claro quando vemos que o tema *Harry Potter* está presente em três das editorias analisadas. Esse tema foi apresentado em quatro edições das revistas analisadas.

Além de *Harry Potter* (cuja incidência é maior na revista), outros temas abordados por ela partem da Indústria da Cultura da infância. Ou seja, não basta que a TV nos proponha assistir *Ricky Sprocket* ou que o cinema veicule *A loja mágica de brinquedos*, esses temas estão também presentes em outras mídias, como a *Recreio*. Há um inter-agendamento, ou seja, mídias pautando outras mídias. Portanto, através das tabelas que analisamos, podemos verificar que tipos de temas são interessantes para a *Recreio* veicular, ou seja, que temáticas ela propõe para que as crianças se apropriem. Há uma relação muito grande entre o que interessa a criança e os temas agendados pela revista, embora haja também uma participação grande das mediações nos gostos e preferências do público infantil. Mas as ordens de preferências das temáticas que a *Recreio* propõe garantem que o seu ponto de vista participe do processo de educação das crianças.

Além das mediações<sup>9</sup>, há ainda outros fenômenos que ligam a revista à criança. Um deles são os pactos de leitura que a *Recreio* firma com seu público leitor. Ao agendar os temas, o jornalismo praticado pela *Recreio* aborda aquilo que o leitor quer consumir. Aí está o inter-agendamento e o reagendamento presente, mas há também um pacto firmado para que a revista trate dos assuntos preferidos do seu público e estes confiem e adquiram a informação dada pela revista. Está claro, nessa relação entre público infantil e mídias o quanto a midiaticização está presente na vida das crianças. A competência midiática que elas têm é um fator que determina isso também. O pacto,

<sup>9</sup> Para compreender o conceito de mediação, me apropriei das teorias pensadas por Sousa (1994), Martín Barbero (1994 e 2006), Certeau (1994), Fortunato (2006) e Maldonado (2002).



nesse sentido, não é algo proposto apenas pela produção, mas está na recepção. Como diz Fausto Neto (2007), o contrato de leitura situa o leitor num certo campo de interesses, de expectativas e efeitos definidas pelas operações enunciativas e o dispositivo jornalístico é o responsável pela realização das operações interpretativas. A revista propõe o pacto através dos temas agendados e que também são de interesse das crianças, mas o jornalismo infantil é quem exerce o poder de trazer enunciações que levam a interpretação das crianças para um certo campo, sem que exerça poder absoluto suas decisões.

### Referências bibliográficas

ALVES, Januária. **Jornalismo infantil**: expressão e participação. Dissertação apresentada no Departamento de jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

ANDI; Instituto Airton Senna. A mídia dos jovens: Esqueceram de mim – jornais brasileiros ignoram o potencial pedagógico dos cadernos infantis. Ano 6, nº 10, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BLOCK, Alan A. Lendo Revistas Infantis: cultura infantil e cultura popular. In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe L. (org.). **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio. **Contratos de leitura**: entre regulações e deslocamentos. 2007. disponível em <<http://bit.ly/dBcnMV>>. Último acesso em 10-10-2008.

FERREIRA, Mayra Fernanda. **Infância em Papel**: o jornalismo infantil no interior. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Campus Bauru, 2006.

FORTUNATO, Claiton de Souza. Recepção e mediações. In: FORTUNATO, Claiton de Souza. **Da periferia para o mundo**: o movimento Hip Hop e o papel da mídia na construção da sua identidade e visibilização. Monografia apresentada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2006.

GARZEL, Claudia. **Jornalismo infantil para crianças**: um estudo sobre práticas culturais e consumo de mídia junto a crianças de 10 e 11 anos em Florianópolis. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. Disponível em <<http://www.aurora.ufsc.br>>. Último acesso em 26-07-2008.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987.



MARTÍN BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MALDONADO, Alberto Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. **Revista Cyberlegenda**, Niterói/RJ, v. 9, p. 1-22, 2002.

MENDES, Emerson Biral. **O jornal infantil interativo**. Dissertação apresentada na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2002.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, Charles S., org. **Meios de comunicação de massa**. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1972.

PITA, Fabiane Lima; MOTA, Mylanda Pinto da. **Revista Online Cantinho Verde**. Memorial do Projeto Experimental de Graduação do Curso de Jornalismo. Facom – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **A objetividade**: da filosofia ao jornalismo passando pelas ciências. Apresentando durante o Seminário de Teorias do Jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo. 2001

\_\_\_\_\_. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TORQUATO, Iracema Batista. **Jornalismo infantil no Brasil**. 2004. Disponível em <<http://bit.ly/9H61sO>> Último acesso em 26-07-2008.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.